



## ***Fake news: uma abordagem discursiva em dicionários online***

Fake news: a discursive perspective approach in online dictionaries

**Jucineia Seraglio\***  
UNEMAT

**Joelma Aparecida Bressanin\*\***  
UNEMAT

**Resumo:** Neste estudo, propomos uma reflexão sobre a discursividade fake news, pensando sua ampla circulação nos dicionários online, objetivando compreender a produção dos sentidos na relação do sujeito lexicógrafo com a língua, com as condições de produção e com uma determinada rede de memória. Para tanto, tomamos a palavra fake news como um fato de linguagem, um acontecimento e, sobretudo, uma materialidade simbólica, uma vez que, discursivamente, o que importa não é o acontecimento em si, o evento empírico, mas sim o acontecimento, enquanto ato histórico, resultado de uma interpretação. Pautamo-nos, então, na teoria da Análise de Discurso de linha francesa com base em Pêcheux (2012; 2014a; 2014b) e Orlandi (1998; 2000; 2007; 2013), em um diálogo com a História das Ideias Linguísticas (AUROUX, 1992; NUNES, 2006 e BARBAI, 2015), que nos propiciam ler os dicionários de um modo particular, enquanto objetos históricos.

**Palavras-chave:** Fake news, Dicionários online, Formulação.

**Abstract:** In this essay, we have proposed a reflection about the fake news as a discursive way and also thinking on its wide circulation in online dictionaries, aiming to comprehend the production of senses

*into the lexicographer's subject in relationship with language and the conditions of production with a particular memory network. For that, we take the word fake news as a fact of language, an event and, above all, a symbolic materiality, since, discursively, what matters is not the event itself, the empirical event, but the event, as historical fact, the result of an interpretation. Therefore, we have been based on the theory of French Discourse Analysis which is based on Pêcheux (2012; 2014a; 2014b), and Orlandi (1998; 2000; 2007; 2013), in a dialogue with the History of the Linguistics Ideas (AUROUX, 1992; NUNES, 2006, and BARBAI, 2015), the ones that allow us reading the dictionaries in a specific way, as historical objects.*

**Keywords:** *Fake news, Online dictionaries, Formulation.*

## **1. Considerações iniciais**

Neste artigo, filiados à teoria da Análise de Discurso, objetivamos analisar a discursividade *fake news* em circulação nos dicionários *online*, com vista a compreender a produção dos sentidos na relação do sujeito lexicógrafo com a língua, com as condições de produção e com uma determinada rede de memória. Desse modo, a palavra *fake news* será tomada como um fato de linguagem, isto é, como um acontecimento, uma materialidade simbólica, pois discursivamente, o que importa é o acontecimento (histórico), resultado de uma interpretação e, não o acontecimento em si mesmo.

Para nossas análises, selecionamos dois dicionários de língua portuguesa: (i) DICIO – Dicionário e Dicionário inFormal; (ii) dois de língua inglesa: Collins e Cambridge.

Para a tessitura de nossa reflexão, organizamos nosso artigo em cinco momentos, além das considerações iniciais e finais. Sendo assim, em um primeiro momento teceremos uma discussão sobre a materialidade discursiva *fake news*, do seu primeiro surgimento na história da humanidade e a volta de sua circulação na atualidade. Em um segundo momento, apresentaremos os dispositivos teórico e analítico que serão mobilizados para a nossa análise. E, do terceiro ao quinto momento tomaremos o dicionário na relação do sujeito com a

língua em certas condições sociais e históricas, de modo a observar como é produzido na língua, na voz do lexicógrafo, o processo de formulação, circulação e constituição dos sentidos para o verbete *fake news* em cada um dos recortes que compõem o *corpus* selecionado para análise.

## 2. A materialidade discursiva *fake news*

A expressão *fake news*, de acordo com estudiosos e pesquisadores, não é nova, mas não há como datar na história o seu primeiro surgimento. Na Grécia Antiga, os comerciantes já espalhavam “rumores” em relação às questões de chuvas fortes com inundações, naufrágios, propagando medo na população para a compra de grãos em grande quantidade. Na Idade Média, ela se mostrava presente na cobertura midiática sob o gênero “pasquinade”<sup>2</sup>. Um outro exemplo interessante se refere ao período do Brasil Colônia, em que personalidades como Dom João VI, Carlota Joaquina e, também, os Imperadores, Pedro I e Pedro II, foram vítimas de “comentários maldosos”, propagados pelos adversários políticos, em que muitos não tinham veracidade<sup>3</sup>.

Apesar da palavra *fake news* ter ficado esquecida por um bom tempo, volta a circular na atualidade, com grande repercussão a partir das eleições presidenciais norte-americanas com a disputa de Donald Trump e Hillary Clinton. Durante a campanha do então candidato, Donald Trump, seus apoiadores propagaram várias *fake news* a respeito da vereadora Hillary Clinton, que tomaram conta das redes sociais a ponto de virar caso de investigação não só pela polícia, mas também pelos meios de comunicação e pelos cidadãos. Um exemplo é o caso *Pizzagate*,<sup>4</sup> em que a candidata foi apontada como líder de uma rede de prostituição e tráfico infantil em 2016. Este caso em Washington por pouco não virou uma tragédia, o cidadão Edgar Welch, ao acreditar que a história era verdadeira foi para o local, Comet Ping Pong, portando três armas onde disparou tiros, e por sorte, não atingiu ninguém, sendo preso em seguida. O caso *Pizzagate* é visto na atualidade como um exemplo de perigo que a conspiração da *internet* pode causar no mundo real.

Vemos que a palavra *fake news* não está somente associada a Donald Trump, mas também, a outros candidatos, como a Hillary Clinton e Bernie Sanders<sup>5</sup>, que tiveram seus nomes expostos em “notícias falsas”. Todavia, *fake news*, ao ser recorrentemente usada pelo presidente Trump, principalmente em seus tuítes (*twitters*), para se referir a notícias não positivas sobre ele, no período que estava fazendo campanha para a presidência, passou a circular com mais força nos espaços digitais.

No ano de 2017, como presidente eleito, Donald Trump em sua primeira conferência no espaço da Casa Branca, na cidade de Washington, ao discutir<sup>6</sup> com um dos jornalistas credenciado da CNN, Jim Acosta, disse: “*You are fake news*”. A expressão se propagou pelos espaços midiáticos, transpôs o Atlântico e viralizou no Brasil, em múltiplos sentidos, em distintas condições de produção, pela mídia digital com uma velocidade ímpar, de modo que o mundo inteiro passou a fazer uso da expressão. Nesse liame, em 2017, *fake news* torna-se a palavra eleita do ano, pelo dicionário britânico Collins. Temos aí, um fato de linguagem, um acontecimento, em que a palavra toma corpo ao ser usada no mundo inteiro, discursivamente, em dadas condições de produção.

Dito de outro modo, é o acontecimento discursivo que permite a inscrição do acontecimento histórico no interdiscurso (os dizeres já ditos) e, no intradiscurso, a sua formulação – “aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas” (ORLANDI, 2013, p. 33), rompendo assim com a “estabilidade” anterior, vindo a inaugurar uma nova “estabilidade” discursiva.

Salientamos, conforme Costa (2016), que uma palavra para ser eleita como palavra do ano precisa ter atraído o interesse da sociedade pela relevância cultural e pelo potencial de estabilidade. A equipe que produz e elege as palavras para o Collins enfatiza que as menções<sup>7</sup> ao termo *fake news*, em 2017, tiveram um crescimento de 365%. A chefe de conteúdo do Collins destacou que o termo contribuiu para “prejudicar a confiança da sociedade nas notícias”. Outras novas palavras do cenário político também foram finalistas<sup>8</sup> no processo de escolha do termo do ano: *Echo-chamber* e *Antifa*.

Observamos que a escolha de uma palavra de destaque como a palavra do ano se dá a partir de uma conjuntura sócio-histórica-ideológica específica, marcada pelo avanço da tecnologia, da

informatização social, bem como pelas relações mundiais e pelas questões econômicas, financeiras, além de outros fatores. Nesse ínterim, o dicionário que a considerou como palavra do ano é um dicionário de língua inglesa, uma língua vista como dominante, de mercado internacional, devido ao processo de globalização:

A globalização é um processo geo-histórico de extensão progressiva do capitalismo em escala mundial e que é ao mesmo tempo uma ideologia (neoliberal), uma moeda (o dólar), um instrumento (o capitalismo), um sistema político (a democracia), uma língua (o inglês). (ORLANDI, 2012a, p. 07).

Segundo Orlandi (2012b), o inglês é uma língua que nas condições atuais, já é vista como dominante, língua franca universal difundida, via espaço digital, tanto pela comunicação quanto pelo conhecimento e aparato da tecnologia.

Acerca da prática de postar mensagens *fake news* diariamente no meio digital, Dias (2018, p. 158) afirma que “postar” “interessa particularmente, pois ele é significado pela ideia de circulação. Uma postagem tem que circular. É pela circulação que se dá sua eficácia. O viral é a atestação da circulação, mas não é a garantia de historicização do sentido.” Ou seja, trata-se de uma atividade de escrita diária, porém, como enfatiza a autora, não significa que pela circulação e pelos efeitos que produz se tenha a historicização do sentido.

Em relação ao movimento das *fake news*, há no Senado Federal discussões referentes ao Projeto de Lei 2630/2020 de combate às *fake news*, apresentado pelo Senador Alessandro Vieira (Cidadania –SE). O referido Projeto cria a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet, destacando normas tanto para as redes sociais como também para os serviços de ‘mensageria privada’, por meio da internet com fins de “evitar notícias falsas que possam causar danos individuais ou coletivos e à democracia”<sup>9</sup> O Projeto de Lei, uma vez aprovado, produzirá sentidos outros quanto ao modo de tratar a divulgação de *fake news*, uma vez que os sentidos nunca estão completos, sempre podem vir a ser outros.

Hunt Allcott e Matthew Gentzkow (2018)<sup>10</sup>, ao refletirem sobre a viralização das *fake news*, apontam que essas notícias se espalham por sites criados com o propósito de atrair o maior número de visitantes, transformando parte desses visitantes em novos propagadores do conteúdo falso.

Nas reflexões empreendidas sobre as *fake news*, observamos que elas podem

[...] ser consideradas não apenas em termos da forma ou conteúdo da mensagem, mas também em termos de infraestruturas mediadoras, plataformas e culturas participativas que facilitam a sua circulação. Nesse sentido, o significado das notícias falsas não pode ser totalmente compreendido fora da sua circulação *online*, falsos e aptos a serem verificados como tal, e que podem enganar os leitores. (Cf. BOUNEGRU, GRAY, VENTURINI e MAURI, 2017 *apud* DELMAZO; VALENTE, 2018, p. 157).

Em *Como sair das bolhas* (2018, p. 11), Martha Gabriel destaca que “a facilidade de se gerar e disseminar informações nas plataformas digitais com uso de filtros informacionais dissociado de pensamento crítico agravou dois fenômenos alienadores que têm comprometido o cenário comunicacional recentemente – *fake news* e pós – verdade”, pois elas geram “bolhas”<sup>11</sup> de percepções com seus equívocos e perigos que tendem para o comprometimento da saúde social (individual e coletiva), conduzindo os sujeitos à prática deliberada de *fake news*.

Devido ao crescimento incontrolável das *fake news*, várias instituições ligadas à mídia de notícias criaram mecanismos não só de controle, mas também de verificação da veracidade das notícias, como por exemplo o projeto<sup>12</sup> “Fato ou *Fake*”, em conjunto por jornalistas do G1, O Globo, Extra, Época, Valor, CBN, GloboNews e TV Globo e, o projeto Comprova, que já se encontra em sua quarta fase com 33 meios de comunicação<sup>13</sup>.

A prática de checagem dos fatos remete, portanto, segundo os autores Adorno e Silveira (2017),

a formas contraditórias dessa relação, sobretudo quando ela se reduz, como na fala do *Yotuber*, a critérios de legitimação próprios do discurso de escrita, mais precisamente aqueles que defendem o nome do autor, a credibilidade e isenção do veículo midiático, e todas essas noções que afetam o campo jornalístico e midiático tradicionais. Desse modo, ao se ancorar em critérios do discurso de escrita, entra em contradição com seu próprio modo de funcionamento, uma vez que a grande maioria dos sites e portais de checagem de informação nasce no digital e são, em sua maioria, mantidos por sujeitos usuários comuns sem vínculo com os veículos midiáticos tradicionais, isto é, nasceram da possibilidade de que sujeitos outros pudessem mapear, verificar, arquivar notícias em circulação por já considerarem a produção de notícias falsas. (ADORNO; SILVEIRA, 2017, p.04).

Nesse sentido, a averiguação dos dados se torna uma preocupação, ou seja, “desmentir falsas declarações através do rigor na apuração, verificação e metodologia que qualifiquem as notícias numa relação de natureza histórica”. (SERAGLIO; ZATTAR, 2020, p. 284).

Nos dias atuais, as *fake news* podem violar os direitos fundamentais da intimidade e da honra, logo não estão ligadas apenas, ou simplesmente a uma problemática de ordem jornalística, uma vez que sua capacidade interfere na vida das pessoas, por meio das notícias falsas. Nessa direção, há duas faces, de um lado aqueles que prezam pelo direito à informação; de outro, o jornalismo comprometido em esclarecer a “verdade”. E nesse entremeio, estão os que produzem e divulgam *fake news* em benefício próprio ou de determinados grupos.

Na materialidade discursiva *fake news*, observa-se um estatuto semântico de “maquinaria” que vai para além da proliferação de notícias falsas, estruturado no funcionamento do digital. Temos aqui, uma conjuntura histórica que nos leva a dizer outras coisas dos movimentos da materialidade *fake news*, vista como estratégia digital utilizada por muitos candidatos nas campanhas políticas.

Mello (2020) explica que a quantidade de desinformação muitas das vezes recebe forte impulso dos recursos de marketing, fazendo com que certos conteúdos tenham destaques:

No Facebook e no Instagram, por exemplo, é possível pagar para que um conteúdo atinja mais pessoas, seja visto mais amiúde ou alcance certos públicos. [...]. No Twitter e no Facebook, quanto mais engajamento (cliques e curtidas) tem um conteúdo, maior destaque ele recebe. No entanto, muitas vezes usam-se sistemas automatizados, os robôs ou *bots*, ou então pessoas contratadas, os *trolls*, para forjar maior engajamento em certos conteúdos e dar visibilidade a certo tema, simulando uma popularidade que ele não tem. (MELLO, 2020, p.19).

A autora relata ainda que, nas coberturas das eleições na Índia em 2014 e 2019 e nos Estados Unidos, em 2008, 2012 e 2016, acompanhou “a utilização crescente das redes sociais para influenciar a opinião pública” (Idem, p. 23).

Diante do exposto, as *fake news* enquanto materialidade discursiva reverberam sentidos outros, do ponto de vista ideológico e político. O discurso, como acontecimento, “não para de significar e pode vir a significar de muitas e diferentes maneiras. Ou, como tenho afirmado (E. Orlandi, 1988), o sentido sempre pode ser outro, porque tem materialidade, historicidade”. (ORLANDI, 2017, p. 103).

Pêcheux (2014a, p. 155) nos ensina que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia” e é assim que a língua faz sentido. Nessa linha, o discurso é entendido “como o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreende-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos”. (ORLANDI, 2013, p. 17).

### 3. Dispositivos teórico e analítico

Para a realização desse estudo, mobilizaremos algumas noções que fazem parte dos dispositivos teórico e analítico da Análise de Discurso,

tais como: arquivo, condições de produção, constituição, formulação, circulação, político e sujeito no funcionamento da linguagem.

Partimos do entendimento que o arquivo

Não é o reflexo passivo de uma realidade institucional, ele é, dentro de sua materialidade e diversidade, ordenado por sua abrangência social. O arquivo não é um simples documento no qual se encontram referências; ele permite uma leitura que traz à tona dispositivos e configurações significantes. (GUILHAUMOU e MALDIDIÉ, 2014, p. 170).

A leitura do arquivo meramente identificado por uma série de referências institucional, “como uma evidência”, não basta para a AD. É preciso olhar para o arquivo de outro modo: dentro de sua materialidade sociodiscursiva.

Dias (2018, p. 67), ao tratar da noção de arquivo, chama a atenção para a sua complexidade, por envolver além do político, as instituições, a memória, as tecnologias, as subjetividades e a interpretação. O arquivo “traz uma questão que é dele inseparável, que é a leitura.” A autora ainda enfatiza, qualquer reflexão sobre arquivo no viés da Análise de Discurso “é uma reflexão sobre a leitura de arquivo”.

Para Orlandi (2013), as condições de produção compreendem os sujeitos, a situação e a memória. “A maneira como a memória “aciona”, faz valer, as condições de produção”. (Ibidem, p. 30). Dito de outro modo, a memória, é o interdiscurso, o já-dito, aquilo que já fala em outro lugar. Ainda de acordo com a autora, ao considerarmos as condições de produção, temos em sentido estrito o contexto imediato da situação e, em sentido amplo, levamos em consideração o contexto sócio-histórico, ideológico, encontrado fora do texto.

Ao tratar da produção dos discursos, Orlandi (2012a) postulou três momentos: a constituição, a formulação e a circulação. A constituição está relacionada ao funcionamento do discurso em sua dimensão vertical, que segundo a autora, é o eixo interdiscursivo, composto pelos dizeres já ditos e esquecidos. “E é desse jogo que tiram seus sentidos”. (ORLANDI, 2013, p. 33). Quanto à formulação, podemos dizer que é quando os sentidos tomam corpo, tornando-se visíveis, pois, é “o

acontecimento discursivo pelo qual o sujeito articula manifestamente seu dizer. Dá o contorno material, ao dizer, instaurando o texto”. (ORLANDI, 2012a, p. 10). E na sequência, ocorre a instância da circulação, em que ocorre a movimentação dos discursos, de seus trajetos, “corresponde aos meios e maneiras pelos quais os sentidos se formulam e como circulam”. (Ibidem, p. 12).

Consideramos também, no interior dos aspectos de formulação e circulação, a dimensão do silêncio. Como diz Orlandi (2012a, p. 127), “é preciso introduzir a noção de silêncio para compreender bem como se constituem, como são formulados e como circulam os sentidos”. O silêncio “Não é o nada, não é o vazio sem história. É o silêncio significante”. (ORLANDI, 2007, p. 23).

Trazemos também, aqui, a noção de político. Nos recorremos a Orlandi (2010), para quem trabalha o campo da linguagem:

O político está no fato de que os sentidos são divididos, não são os mesmos para todo mundo, embora “pareçam” os mesmos. Esta divisão tem a ver com o fato de que vivemos em uma sociedade que é estruturada pela divisão e por relações de poder que significam estas divisões. (Ibidem, p. 12).

Para quem se inscreve na perspectiva da Análise de Discurso, a noção de político, de fundamental importância, não se limita ao discurso político, mas sim ao político no discurso, à textualização do político<sup>14</sup>, “à política do significante”. (ORLANDI, 2006).

Tomar o discurso sob o viés da Análise de Discurso é percebê-lo não somente como transmissão de informação, pois no funcionamento da linguagem, temos a relação “sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história”. (ORLANDI, 2013, p. 21). Assim, as relações de linguagem compreendem relações de sujeitos e de sentidos e ainda seus efeitos de sentidos múltiplos e variados.

Em relação ao sujeito, pensado não como forma subjetiva, empírica, origem de si, mas sim a partir de uma “posição” que ocupa para ser sujeito daquilo que diz.

Orlandi (2013) afirma que o processo sobre o funcionamento da linguagem que se articula na tensão entre a paráfrase, em todo dizível

há sempre algo que permanece, e, do processo da polissemia, são produzidas diferentes formulações do mesmo dizer estabilizado.

Desse modo, passamos a olhar o dicionário, pelo funcionamento da linguagem, sob a perspectiva da Análise de Discurso, articulada à História das Ideias Linguísticas, inscrita na visão histórica das Ciências da Linguagem, concebendo os instrumentos linguísticos (gramáticas, dicionários, manuais, normas, etc.) também como objetos históricos.

#### O dicionário

não é algo que estaria na mente das pessoas desde que elas nascem, mas, sim, algo que é produzido por práticas reais em determinadas conjunturas sociais, ou seja, o dicionário é produzido sob certas “condições de produção dos discursos”. [...]. Assim, o dicionário é visto como um discurso sobre a língua, mais especificamente sobre as palavras ou sobre um setor da realidade, para um público leitor, em certas condições sociais e históricas. (NUNES, 2010, p. 6-7).

Dessa maneira, analisar/estudar o dicionário pela perspectiva discursiva é levar em consideração os dicionários como discurso, com suas condições de produção e as posições dos sujeitos lexicógrafos, diante das definições e dos exemplos, bem como as projeções imaginárias que estes têm da língua, do público leitor e da conjuntura sócio-histórica.

#### **4. O dicionário na relação do sujeito com a língua em certas condições sociais e históricas**

Nos estudos sobre o processo de gramatização, Aurox (1992) considera a gramática e o dicionário como os principais instrumentos linguísticos. Nas palavras do autor, este processo “que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base duas tecnologias são ainda hoje os pilares do nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário”. (Ibidem, p. 65).

Após o desenvolvimento do projeto “História das Ideias Linguísticas: a construção do saber metalinguístico e a constituição da

língua nacional”, coordenado por Orlandi no Brasil e Auroux na França, na década de 1980, resultado de uma parceria entre IEL – Unicamp e a Universidade de Paris VII, os estudos sobre os dicionários passaram a ser vistos de modo mais amplo,

Ver a Gramática e o Dicionário – os instrumentos linguísticos como os denomina S. Auroux (1992) como parte da relação com a sociedade e com a história (E. Orlandi, 1997) transforma esses instrumentos em objetos vivos, partes de um processo em que os sujeitos se constituem em suas relações e tomam parte na construção histórica das formações sociais com suas instituições, e sua ordem cotidiana. (ORLANDI, 2001, p. 08).

Na visão de Dias e Bezerra (2006), os dicionários são vistos diferentemente das gramáticas, pois enquanto estas possuem prestígios no campo educacional os dicionários assumem um papel mais restrito,

[...]limitando-se muitas das vezes apenas a consultas ortográficas e a constatações da presença de uma determinada palavra ou de uma informação linguística nessa obra, assegurando-lhes legitimidade (supõe-se que o dicionário contém todas as palavras de uma língua). Visto que uma das suas primeiras funções foi a pedagógica, ela se sobressai, minimizando o papel dos dicionários como objeto social e cultural, portanto elaborado numa perspectiva histórico social, que representa a relação dos falantes com a língua e os diferentes modos de produzir conhecimento sobre ela. (DIAS e BEZERRA, 2006, p. 30).

Assim, atribuir o caráter de cunho normativo ao dicionário impossibilita os seus usuários de concebê-lo como “um imaginário que reflete uma concepção de mundo de seus autores”. (Ibidem, p. 31).

Com essa visão, podemos dizer que em determinadas condições de produção do dicionário, a partir da concepção particular que este instrumento linguístico assume, o modo como a palavra se inscreve na

história, movimentando o sentido e intervém no processo de significação, no registro de uma distinta palavra.

Para Nunes (2010), a leitura de um dicionário implica saber que existem determinados sentidos que surgem, se sedimentam, se estabilizam. Todavia é preciso saber, que ao mesmo tempo, “eles sempre estão sujeitos a serem outros, sempre estão sujeitos aos equívocos. Ou seja, aos deslizamentos de sentido, às contradições entre diferentes posições de leitura”. (Idem, p. 12).

Compartilhamos com Orlandi (2000, p. 98) quando diz que “o dicionário adquire aqui o sentido de uma tecnologia própria à configuração de relações sociais específicas e entre seus sujeitos, na história. Ele é, desse modo, constitutivo na formação social”.

Vale ressaltar, que a opção por dicionários *online* para esse estudo se deu pelo fato de que com o grande avanço da tecnologia digital os dicionários *online* passam a ser mais acessíveis, dado o efeito de sentido universal em rede, que estão funcionando nesses materiais, enquanto forma de estabilização, completude da representação da língua, que produzem nos sujeitos leitores contemporâneos, no espaço aberto do digital.

Dito de outro modo, tomamos os dicionários enquanto objetos discursivos, na relação do sujeito com a língua em certas condições sociais e históricas, de modo a observar como circulam e quais significados são apresentados para o verbete *fake news* em dois dicionários *online* de língua portuguesa e dois de língua inglesa, considerando as condições de produção e o funcionamento do discurso da *fake news* no meio social e digital, em sua ordem significante, e, como é produzida a imagem da língua na voz do lexicógrafo/especialista.

## 5. Apresentando o *Corpus*

Propomo-nos ler o dicionário pensando-o discursivamente. Ao invés da ilusão pela sua completude, realizar um trabalho de leitura de arquivo inscrito nos efeitos linguísticos materiais na história. “Trabalhar tendo em vista não a *função* do dicionário, mas seu *funcionamento* na relação do sujeito com a língua, incluindo-se aí não

só a relação com as condições de produção imediatas, mas com a memória. Ou seja, vê-lo como um discurso”. (ORLANDI, 2000, p.112).

Passemos à apresentação dos dicionários.

O DICIO – Dicionário Online de Português, no final da página de abertura se apresenta como uma ferramenta “essencial ao conhecimento, uso e estudo da língua portuguesa”, especificando um grande número de palavras, com as respectivas, “definição, classificação gramatical, etimologia, divisão silábica, plural, sinônimos, antônimos, transitividade verbal, conjugação de verbos e rimas”, tal como os dicionários impressos, porém reconhece o “caráter dinâmico da língua portuguesa e o processo contínuo da evolução das palavras”, contextualizando as definições por meio de “exemplos reais de uso da língua”.

No Dicionário inFormal, encontramos logo na página de abertura: “**dicionário** de português gratuito para internet onde as palavras são definidas pelos usuários. Uma iniciativa de documentar *on-line* a evolução do português”, com o seguinte convite: “participe definindo o seu português”. Na primeira dimensão, observamos que o internauta pode ocupar a posição-sujeito autor, participando do processo de feitura do dicionário *online*, a partir de “uma iniciativa” do dicionário em documentar a evolução da língua. Isto é, no uso de uma distinta palavra que será catalogada pela plataforma. Prática esta, que se difere de outros modos de produção, em especial, dos dicionários já consagrados, elaborados geralmente por um sujeito-autor lexicógrafo, inscrito numa posição histórico-discursiva. Na segunda dimensão, podemos dizer que há o gesto de produção do dicionário impresso, que provém do trabalho do lexicógrafo, relação do sujeito com a língua. Em outras palavras, trata-se de condições de produção, que envolvem fundamentalmente os sujeitos e a situação.

Dias (2016), em seu artigo *Domínios referenciais na tecnologia dos instrumentos linguísticos digitais*, desenvolve uma investigação quanto à constituição de textos livres disponibilizados na web, particularmente a Wikipédia e o Dicionário inFormal. Acerca do Dicionário inFormal, o autor afirma que a língua portuguesa “é posta em cena na dispersão da autoria dos verbetes, tendo em vista a heterogeneidade das formulações de definição que as palavras recebem”. (Ibidem, p. 148). Essa questão é interessante, pelo fato de que mesmo “no exercício da autoria encontram os controles inerentes ao próprio exercício da escrita,

seja pelos marcos da hierarquização na comunidade editora, seja pelos marcos da recepção dos próprios usuários”. (Ibidem, p. 152).

No Dicionário inFormal notamos, também, a marca de visibilidade a respeito das definições que apontam para a contemporaneidade, característica da questão tecnológica/digital na formulação: “Ali não existem definições certas ou erradas, mas definições da vida real para o português”. Ou seja, todas as definições formuladas pelos usuários da internet são permitidas, pois são definições do cotidiano, “da vida real” para o português, língua nacional. A abertura para novas significações, construídas pelos usuários da rede *online* em condições de produção específicas desestabilizam os sentidos já dados, o que difere do dicionário tradicional, em que o sujeito está quase sempre diante de sentidos estabilizados.

O primeiro dicionário de língua inglesa, Dicionário Collins, como já mencionado no início deste estudo, fez circular, em 2017, o termo *fake news* como a palavra do ano, devido ao movimento histórico que a fez ser catalogada: o aumento das menções da palavra no mundo inteiro, principalmente no meio político, amplamente usada por Donald Trump, durante e após a sua campanha presidencial.

Observamos, também, que esse instrumento linguístico dá ênfase às informações confiáveis e fundamentadas acerca do idioma, devido as “amplas bases de dados da língua em si”, que “permitem aos lexicógrafos da Collins analisar como a língua é realmente usada [...]”.

O segundo dicionário de língua inglesa, o Dicionário Cambridge, mostra ao leitor os principais recursos disponíveis, descreve-os como: um grande número de “definições claras” em que é possível ouvir a pronúncia das palavras faladas no inglês britânico, além de “milhares de exemplos” que mostram uso da língua, baseado no *Corpus* de Inglês de Cambridge – “um banco de dados com mais de 2 bilhões de palavras”. Formulações que produzem efeitos de evidência e de completude, sustentados por uma concepção de língua que se volta para a comunicação.

Passemos, então, aos recortes selecionados para as análises. Primeiramente, expomos os dicionários consultados e o referido verbete. Na sequência, apresentamos o modo como cada instrumento linguístico apresenta os significados, explicações, classificações, exemplos, etc. Logo em seguida, procedemos à análise.

## Recorte 1

### **DICIO - Dicionário Online de Português** **Significado de Fake News**

substantivo feminino

Notícias falsas; quaisquer notícias e informações falsas ou mentirosas que são compartilhadas como se fossem reais e verdadeiras, divulgadas em contextos virtuais, especialmente em redes sociais ou em aplicativos para compartilhamento de mensagens.

Etimologia (origem de *fake news*). Do inglês *fake news*, literalmente “notícias falsas”.

### **Dúvidas de Português**

O termo *Fake News*, embora largamente usado, ainda não foi formalmente integrado à lista de palavras da Língua Portuguesa, tratando-se portanto de um estrangeirismo.

### **Definição de Fake news**

Classe gramatical: **substantivo feminino**

Separação silábica: **fa-ke-news**

### **Exemplos com a palavra fake news**

Além disso, o WhatsApp é o antro das terríveis **fake news** que o senhor passou a abominar depois de eleito.

*Istoe, 12/04/2019*

Além do grande volume de desinformação propagada, segundo levantamento do Ipsos, entre 27 nacionalidades pesquisadas, os brasileiros são os que mais “caem” em **fake news**.

*Gazeta do Povo, 05/06/2019*

Nós frequentemente escutamos que alguém vai combater o crime, ou as **fake news**, discursos de ódio ou algo do tipo.  
*EL PAÍS Brasil, 30/07/2019*

Fonte: <https://www.dicio.com.br/fake-news/>. Acesso em: 02 de outubro de 2020.

## Recorte 2

### **Dicionário inFormal**

#### **Fake news**

[Estrangeirismo] Notícias falsas e compartilhadas, geralmente na Internet, por usuários de redes sociais e sites ilegítimos. Expressão do inglês que foi incorporada ao uso brasileiro.

As *fake news* estão se popularizando, enganando os mais ignorantes, que costumam acreditar em tudo que vêem, sem consultar a origem da notícia.

#### **Sinônimos de Fake news**

mentira boato ilegítimo

#### **Antônimos de Fake news**

verdade legítimo

#### **Palavras relacionadas a Fake news**

notícia mentira boato jornalismo enganar lorota  
ilegitimidade

Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/fake+news/>. Acesso em: 02 de outubro de 2020.

## Recorte 3

### Dicionário Collins

#### Definição de 'fake news'

fake news

#### SUBSTANTIVO INCONTÁVEL

If you [describe](#) information as **fake news**, you mean that it is false [even](#) though it is being [reported](#) as news, for [example](#) by the [media](#).

Fonte: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/fake-news>.

Acesso em: 02 de outubro de 2020.

### Recorte 4

### Dicionário Cambridge

fake news

noun [ U ]

UK /ˌfeɪk ˈnjuːz/ US /ˌfeɪk ˈnuːz/

[false stories](#) that [appear](#) to be [news](#), [spread](#) on the [internet](#) or using other [media](#), usually [created](#) to [influence political views](#) or as a [joke](#):

There is [concern](#) about the [power](#) of [fake news](#) to [affect election results](#).

Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/fake-news>. Acesso em: 02 de outubro de 2020.

## 6. Formulação, circulação e constituição dos sentidos de “fake news”

No recorte 1, DICIO – Dicionário Online de Português, observamos que na entrada do verbete *fake news*, a construção discursiva lexicográfica procura legitimar, no que diz respeito à classe gramatical, o substantivo feminino, na relação com a etimologia/a origem do verbete: “Do inglês *fake news* literalmente ‘notícias falsas’”. Pensando na incompletude da língua, seria possível o termo *fake news* ter um único sentido? Se nas palavras de Orlandi (2017, p.103) o sentido pode

ser outro, qual seria o outro sentido que estamos falando aqui, a partir da formulação “literalmente notícias falsas”? Para nós, estes questionamentos nos permitem olhar para a língua em seu funcionamento, para a materialidade simbólica, ou seja, para além de um possível controle do sujeito no processo de significação. Diríamos, conforme Pêcheux (2014b, p.78), que “*é impossível analisar um discurso como um texto*, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao *conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido das condições de produção”.

Dessa forma, percebemos que no discurso lexicográfico, ao dizer “literalmente “notícias falsas””, é como se pela formulação procurasse eliminar, ao fio do discurso, outras possíveis interpretações quanto ao significado do verbete *fake news*, controlando assim a polissemia, “deslocamento, ruptura de processos de significação”. (ORLANDI, 2012a, p. 25). Em outras palavras, pela formulação lexicográfica em questão há um sentido dado, transposto da língua inglesa que evoca uma unidade, ou seja, uma definição homogênea, apagando possibilidades outras, que são da ordem do acontecimento e das condições de produção da língua portuguesa, deslocamentos de sentidos que são construídos no jogo discursivo na/pela tensão entre descrição, paráfrase e polissemia.

Dando continuidade às análises, foi possível notar que nos dois dicionários *online* de língua portuguesa, no recorte 1 e no recorte 2, os lexicógrafos se referem ao verbete *fake news* como um estrangeirismo. No DICIO – Dicionário Online de Português, tal explicação vem após o “Significado”, apresentada no item “Dúvidas de Português” e no Dicionário inFormal, antecipa definições, entre colchete [Estrangeirismo] sem nenhum comentário a respeito.

Considerar a expressão como um estrangeirismo, isto é, como o “emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua” (BECHARA, 2009, p.599), é um gesto muito simplificado de se compreender os efeitos produzidos nesse processo. Concordamos com Barbai (2015), ao dizer que

nós apagamos e denegamos o trabalho do já dito em nome de uma ‘adaptação semântica do

estrangeirismo a outro idioma’ (Alves 1990, 78)”. É nesse sentido que dizemos que o neologismo é um acontecimento discursivo, porque a entrada de uma palavra no léxico de uma determinada comunidade linguística é uma prática simbólica. (BARBAI, 2015, p. 96).

Entendemos que o uso de uma palavra estrangeira no léxico de uma dada comunidade linguística constitui uma prática em que há o confronto do simbólico (materialidade da língua) com o político (historicidade). Observamos, também, entre os recortes 1 e 2 dos dicionários de língua portuguesa selecionados, que só o DICIO – Dicionário Online apresenta a etimologia e a origem do verbete como forma de marcar o seu surgimento na história e na memória da língua.

Outro ponto interessante a enfatizar, no recorte 1, é que os exemplos utilizados pelo dicionário foram retirados de revistas de grande circulação em nosso país, publicadas em 2019, nas quais observamos a incorporação de toda uma rede de sentidos advindas da linguagem na relação com a exterioridade. Um modo específico de ilustrar alguns sentidos que estão em circulação na sociedade contemporânea:

- (i) *Istoe*: “Além disso, o WhatsApp é o antro das terríveis **fake news** que o senhor passou a abominar depois de eleito”;
- (ii) *Gazeta do Povo*: “Além do grande volume de desinformação propagada, segundo levantamento do Ipsos, entre 27 nacionalidades pesquisadas, os brasileiros são os que mais ‘caem’ em **fake news**”;
- (iii) *EL PAÍS Brasil*: “Nós frequentemente escutamos que alguém vai combater o crime, ou as **fake news**, discursos de ódio ou algo do tipo”.

A nosso ver, os exemplos apresentados pelo dicionário direcionam os leitores a observarem que o uso do verbete está relacionado ao campo político da desinformação e da ignorância, de uma prática criminosa a ser combatida. Ou seja, não se coloca em questão a historicidade (a palavra), o modo de funcionamento da língua.

Segundo Pêcheux (2014a, p. 146), “as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas

por aqueles que as empregam”. De modo que, as palavras recebem seu sentido da formação discursiva pela qual são produzidas.

Assim, a abordagem discursiva em relação à produção de verbetes nos dá possibilidade de mostrar que “os sentidos, como se pode ver, não estão nunca soltos, desligados e circulando livremente”. (ORLANDI, 2000, p. 112).

Outro aspecto a indicar na composição do verbete *fake news* é o jogo gramatical que passa a atualizar o efeito de saber sobre a língua. Para tanto, a nossa consideração se volta à questão do nome, por conta dessa categoria gramatical trazer em seu bojo a definição e o conceito do estado de algo. Segundo Barbai (2015, p.99), “há, no fio do discurso, uma relação entre o nome e o fato”.

Ao constatar que os dicionários *online* de língua portuguesa recortados para este estudo incluem *fake news* em seus verbetes, não poderíamos deixar de chamar a atenção para este processo que ao nosso ver é um gesto político. Como afirmam Soares e Nunes (2020, p. 09), “o gesto político nos dicionários portugueses está em se marcar como o atual e completo, porque traz uma palavra de uma língua dita franca e universal.”

Nesse sentido, Costa (2016) enfatiza que a circulação de discursos

sobre a mediação tecnológica das relações sociais em larga escala e o imaginário produzido acerca da tecnologia e sua capacidade de diminuir distâncias, incluir pessoas, dar acesso ao conhecimento e romper limites se justapõem aos interesses que visam ao capital (COSTA, 2016, p. 92).

No recorte 3, dicionário de língua inglesa - Dicionário Collins, foi possível notar que na entrada do verbete em questão o nome (*noun*) é assim classificado: classe gramatical: substantivo incontável<sup>15</sup>. Temos aí um efeito imaginário de legitimidade dada por especialistas que produz a definição. É como se a formulação dessa expressão fosse completa, apagando assim o efeito de possíveis variações, rupturas, deslocamentos no interior de um *corpus* determinado.

Um ponto importante a destacar na língua inglesa é que um substantivo “pode ser contável (countable), e o que sustenta isso é a

marca singular e plural, ou incontável (uncountable), que só existe no singular. Essa marca contável e incontável não existe no português do Brasil”. (BARBAI, 2015, p. 99). No fio do discurso, observamos que a marcação plural em *news* reverbera “um já dito” que é da ordem da língua portuguesa, a flexão de número (singular e plural).

Desse modo no funcionamento da língua, no recorte 1, a descrição apaga a memória discursiva da língua inglesa em que a dada formulação passa a figurar-se na/pela organização textual da língua portuguesa, atualizando uma memória da língua nacional pelo único sentido, homogêneo e “familiar”: notícias falsas. Há nesse jogo discursivo um “furo”, uma vez que a marca linguística “s” em *news* – na ordem da língua inglesa não implica a marca de plural, visto que *fake news* é um substantivo incontável. Daí o dizer homogeneizado do lexicógrafo, no recorte 1, que a partir da etimologia da palavra *fake news* do inglês substantivo incontável- [U] Uncountable, torna familiar sua organização textual, desnaturalizando o significante, afetando assim, os sujeitos e os sentidos na relação com a língua e com a história. Pensando que os sentidos podem ser outros, diria Pêcheux (2014a), o sentido literal de uma palavra ou expressão não nos interessa, pois, o sentido, se constitui em dada formação discursiva.

Orlandi (1998, p. 38) afirma que a exterioridade “não tem a objetividade empírica do ‘fora’ da linguagem”. Ela é tomada tal como intervém na textualidade. É exterioridade discursiva (e não empírica). Exterioridade essa constitutiva da linguagem que tende a estabilizar sentidos.

No recorte 4, Dicionário inFormal, notamos a seguinte definição: “Expressão do inglês que foi incorporada ao uso brasileiro”. Entendemos esta prática como um gesto simbólico que ao mesmo tempo traz o novo, fazendo remissão ao já dito, aquilo que fala antes e que retorna na formulação.

Sendo assim, a palavra *fake news* tem seu funcionamento a partir das condições de produção de discurso no solo brasileiro, em que os lexicógrafos e/ou especialistas procuram mostrar para o leitor, através da definição, o sentido dessa expressão por meio de paráfrases, ou seja, repetições, diversas formas de se dizer a mesma coisa, como pode ser visto pela seguinte tradução nos dicionários de língua inglesa:

- (i) Dicionário Collins<sup>16</sup> - Se você descrever uma informação como notícia falsa, você quer dizer que ela é falsa, embora ela tenha sido divulgada/noticiada, por exemplo pela mídia, como notícia.
- (ii) Dicionário Cambridge<sup>17</sup> - histórias falsas que parecem ser notícias, espalhadas na internet ou usando outra mídia, geralmente criadas para influenciar opiniões políticas ou como uma piada: Há preocupação quanto a força das fake news influenciarem os resultados eleitorais.

Nas definições do verbete *fake news*, nas quais não faltam a *significação literal* **notícias falsas**, destacamos o alerta feito no recorte 4 do dicionário Cambridge, no meio político, no que se refere à força de notícias falsas, uma vez que tal propagação e disseminação das *fake news* podem influenciar opiniões e “afetar os resultados eleitorais”.

Observamos, ainda, que os dicionários em questão tentam estabilizar os sentidos de *fake news* como boato, mentira, lorota. Nós consideramos, pelo funcionamento da linguagem, que os sentidos de formulação e circulação da expressão *fake news* estão atrelados à política da língua, tornando assim um acontecimento a ser interpretado pelos sujeitos.

Um ponto que nos chama atenção é que nos recortes de todos os dicionários selecionados para este estudo, o uso do verbete *fake news* está atrelado ao discurso da internet/da mídia pela sua formulação, circulação e constituição nos mais diferentes discursos que emanam para os sentidos da tecnologia. Ou seja, *fake news* pelo modo de sua amplificação, como tudo que é postado na internet, “toma corporeidade no social” (MOTTA, 2016, p. 13). “É na prática material que os sentidos tomam corporeidade, significação. (Ibidem, p. 16).

Desse modo, o verbete *fake news* se formula e circula no Brasil pelo seu uso repetido no cotidiano com possibilidades de ser incorporado ao léxico da língua portuguesa, pelo interdiscurso de outras palavras estrangeiras já dicionarizadas como: *marketing, freelance, deletar* e muitas outras. Por isso, não podemos afirmar que *fake news* é só um estrangeirismo, pois se pensássemos dessa forma, estaríamos, assim, apagando as suas especificidades de constituição e de formulação.

Nesse âmbito, é notório recorrer às palavras de Orlandi em relação às noções de ordem e organização. Em sua obra *As Formas do Silêncio*, Orlandi (2007, p.19) a partir da leitura de *Semântica e Discurso*, retoma Pêcheux (2014a) ao dizer que “a língua não existe sob a forma de um bloco homogêneo de regras organizado à maneira de uma máquina lógica”. Partindo desse pensamento, Orlandi (Idem) assevera: “Daí o vai-e-vem incessante entre a ordem das coisas, a do pensamento e a do discurso e que mostra a decalagem constante entre o pensamento forma gramatical na constituição discursiva dos referentes”.

Assim, deve-se levar em conta que “não é o ordenamento imposto, nem a organização enquanto tal, mas a forma material. Interessa ao analista não a classificação, mas o funcionamento”. (ORLANDI, 1998, p. 45). Isto porque, na perspectiva discursiva o sentido não se dá na organização do texto, na sua linearidade, no significado, mas na materialidade da língua, no trabalho simbólico, na estrutura e acontecimento do significante.

## 7. Considerações finais

Em nosso percurso reflexivo, analisamos o verbete *fake news*, observando como é definido e como circula nos dicionários *online* – um arquivo digital – tomado enquanto materialidade significativa, a partir de determinadas condições de produção e funcionamento da linguagem.

Assim, propusemos realizar uma discussão para além da distinção entre língua estrangeira, o inglês, e língua nacional, o português, a respeito da dicionarização das palavras, da presença do estrangeirismo na língua portuguesa. Por meio dos dicionários analisados, notamos o seu funcionamento discursivo, que pressupõe a relação da língua com a exterioridade. (NUNES, 2006).

Consideramos que o verbete *fake news* não deve ser visto, localizado, bem como discutido, somente como uma questão referente ao estrangeirismo, pois por meio desse gesto apagamos e denegamos a política da língua, o político das relações sociais. O uso da palavra em grande escala no campo midiático, social e político, inscreve-o na ordem de um acontecimento discursivo, visto que no processo de constituição, formulação e circulação, produzimos em nossa própria língua um gesto singular para dizer da *fake news* enquanto uma “existência no mundo”, uma “coisa a saber”.

Retomamos aqui, a compreensão do discurso como estrutura e acontecimento de Pêcheux (2012), a partir da análise do enunciado *On a gagné!* (Ganhamos!), um acontecimento (histórico) na França, reverberando sentidos outros de circulação “global”, que são evocados com a vitória de François Mitterand, no jogo político à presidência da República francesa em 10 de maio de 1981. A nosso ver, o autor chama atenção para a circulação dos sentidos do enunciado em grande escala e para os efeitos produzidos, contrapondo-os ao logicamente estabilizado, nos levando a entender o acontecimento “no ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória”. (PÊCHEUX, 2012, p. 17).

De igual modo, em nosso gesto de interpretação, a formulação *fake news* toma corporeidade no jogo discursivo tal como *On a gagné!* atravessou a França. Logo, *fake news* reverbera sentidos outros no/pelo entrecruzamento entre estrutura e acontecimento, ou seja, um confronto discursivo que nos remete a um fato de linguagem. Isto porque, *fake news* circula no espaço de uso da língua inglesa, mais precisamente, no jogo político de disputa à presidência dos Estados Unidos em 2016. No entanto, *fake news* toma corpo e reverbera sentidos “a saber”, quando a partir do dizer do então presidente eleito Donald Trump, em uma dada entrevista, sua primeira coletiva, faz uso do atributo *fake news* para qualificar um dos jornalistas da CNN: “*You are fake news*”, propagando assim, a formulação, *fake news*, pelos espaços midiáticos.

É nesse sentido, que Pêcheux (2014a) nos provoca a pensar que “uma palavra, uma expressão não tem um sentido que lhe seria ‘próprio’, vinculado a sua literalidade”. (PÊCHEUX, 2014a, p. 147). Mas, este, está atrelado a uma dada formação discursiva, isto é, nas relações que se mantêm com as demais palavras ou expressões da mesma formação discursiva.

Ao reportamos à questão da ambiguidade, também analisada por Pêcheux (2012), pensamos na notícia como verdadeira e/ou falsa; se é verdade tem sentido e referência; se é mentira é contraditória; pode uma notícia ser verdadeira e falsa? Há um confronto interdiscursivo aí, ligado ao saber, ligado ao real. Dessa forma, procuramos mostrar, também, que a noção do sentido não é literal, pois temos os efeitos do contexto sócio-histórico, político e ideológico funcionando.

Assim, não nos movemos a um dizer final sobre a formulação *fake news*. No entanto, tomando a incompletude da língua nos interessa asseverar que, diferentemente da formulação lexicográfica *fake news*, em nosso gesto de interpretação, deixa a ordem da significação e passa a funcionar na ordem do significante, cujo “confronto discursivo prossegue através do acontecimento...” (PÊCHEUX, 2012, p. 20).

## Referências bibliográficas

ADORNO, Guilherme e SILVEIRA, Juliana. **Pós-verdade e Fake News: Equívocos do Político na Materialidade Digital**. 2017. Disponível em: [https://www.discoursead.com.br/\\_files/ugd/27fcd2\\_ab034368d17d4ff2be1db459ab2305f5.pdf](https://www.discoursead.com.br/_files/ugd/27fcd2_ab034368d17d4ff2be1db459ab2305f5.pdf). Acesso em: 20 de outubro de 2020.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

BARBAI, Marcos Aurélio. “Palavra que pode ferir: o termo bullying em dicionários de língua inglesa e na imprensa do Brasil”. In: **Revista Signo y Señá**, número 27, 2015, p. 89-106, junio. Facultad de Filosofía y Letras (UBA). Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/sys/issue/view/276>. Acesso em: 10 de outubro de 2020.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37.ed. Revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.

COSTA, Greciely Cristina da. A palavra do ano é uma imagem. In: **Fragmentum**. Universidade Santa Maria: Programa de Pós-graduação em Letras, UFMS, n. 48, Jul. – Dez, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/23308>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**. Tradução Carlos Szlak. 1. ed. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. In: **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 18, n. 32, p. 155-169, abr. 2018. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2183-](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-)

54622018000100012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 19 de outubro de 2020.

DIAS, Cristiane. **Análise do Discurso Digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas-SP: Pontes, 2018.

DIAS, Luiz Francisco; BEZERRA, Maria Auxiliadora. “Gramática e Dicionário”. In: Eduardo Guimarães e Mônica Zoppi-Fontana (orgs.). **Introdução às ciências da linguagem**: a palavra e a frase. Pontes: Campinas, São Paulo, 2006.

DIAS, Luiz Francisco. “Domínios referenciais na tecnologia dos instrumentos linguísticos digitais”. In: **Linguagem, tecnologia e espaço social**. Eni Orlandi et.al (orgs.). Pouso Alegre: Univás, Campinas: RG Editores, 2016.

FERRARI, Polyana. **Como sair das bolhas**. Fortaleza: Armazém de cultura, 2018.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denize. “Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história”. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.) [et al.]. **Gestos de leitura**: da história no discurso. 4. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2014, p. 169-19.

MELLO, Patrícia Campos. **A Máquina do ódio**: notas sobre uma repórter sobre fake news. Companhia das Letras, 2020.

MOTTA, Ana Luiza Artiaga Rodrigues da. “Selfie: Formas de individuação do sujeito”. In: **Linguagem, tecnologia e espaço social**. Eni P. Orlandi et.al (orgs.). Pouso Alegre: Univás, Campinas: RG Editores, 2016.

NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil**: análise e história do século XVI ao XIX. Campinas, SP: Pontes Editores, São Paulo, SP: Fapesp, São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006.

NUNES, José Horta. “Dicionários: história, leitura e produção”. In: **Revista de Letras**, n.1/2, 2010. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/issue/view/140>. Acesso em: 02 de setembro de 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. “Lexicografia Discursiva”. In: **Alfa** – Revista de Linguística São Paulo, vol. 44, 2000, p.97-114.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **História das ideias linguísticas:** construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional. (Org.). Campinas: Pontes, Cáceres: Unemat, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 4.ed. Campinas: Pontes, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 6.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e políticas públicas urbanas:** a fabricação do consenso. (Org.) Campinas, Editora RG, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto:** formulação e circulação dos sentidos. 4.ed. Campinas, SP: Pontes Editores., 2012a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. “Espaços Linguísticos e seus desafios: convergências e divergências”. In: **Rua**. n. 18, p. 5-18, 2012b.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. 11.ed., Campinas, São Paulo. Pontes, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. “Do fato para o acontecimento (da diferença à resistência)”. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Eu, Tu, Ele:** discurso e real da história. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento? Tradução: Eni P. Orlandi. 6.ed., Campinas SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi. et al. – Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014a.

PÊCHEUX, Michel. “Análise automática do discurso (AAD-69)”. In: GADET Françoise; HALK, Tony (Orgs.); tradução Bethania S. Mariani [et al.]. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Pêcheux, 5.ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014b, p.59-106.

SERAGLIO, Jucineia; ZATTAR, Neuza. “Um estudo enunciativo sobre a formação nominal fake news em textos virtuais e não virtuais”. In: Dias e Dalmaschio (Orgs), **Movimentos do linguístico:** forma e sentido em enunciação. Belo Horizonte. Editora FALE/UFMG, 2020, p.282 -293.

SOARES, Maraline Aparecida; NUNES, Silva Regina. Da opacidade da palavra selfie no discurso digital. **Rua**, Campinas: SP, vol.26, número 1, junho, 2020.

## Notas

---

\* É licenciada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), possui Especialização em Literatura e Língua Portuguesa e Mestrado em Linguística pela UNEMAT. Atualmente é professora efetiva da Educação Básica da Rede Estadual/SEDUC-MT e doutoranda em Linguística na UNEMAT. E-mail: [jucineiaseraglio@gmail.com](mailto:jucineiaseraglio@gmail.com)

\*\* Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. É professora efetiva do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, no campus universitário de Cáceres/MT. E-mail: [bressanin.joelma@unemat.br](mailto:bressanin.joelma@unemat.br)

<sup>1</sup> “Rumores” tem um certo parentesco ao boato, a fofoca, devido à força e repercussão que passam a adquirir, produzindo efeitos sobre os sujeitos. Referimos aqui, ao texto de Orlandi (*Boatos e silêncios, os trajetos dos sentidos, os percursos do dizer*, 2012, p.138), “podemos pensar o boato como rumor que é indício de um acontecimento não-significado e de sujeitos que não são bastante visíveis enquanto autores do dizer”.

<sup>2</sup> O “pasquinade” se transformou em um gênero comum de difusão de notícias desagradáveis, a maioria delas falsas sobre figuras públicas. (FERRARI, 2018, p.76).

<sup>3</sup> REMIGIO, Marcelo. (2018). Notícias na política aparecem desde o Brasil Colônia. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticias-falsas-na-politica-aparecem-desde-brasil-colonia-22544134>. Acesso em: 10 de março de 2020.

<sup>4</sup> CANOSSA, Carolina. (2018). Pizzagate: o escândalo de fake news que abalou a campanha de Hillary. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/pizzagate-o-escandalo-de-fake-news-que-abalou-a-campanha-de-hillary/>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

<sup>5</sup>Para Moreira Serra (2018, p.26) as *fake news* relacionadas ao nome de Bernie Sanders em sua campanha ‘vão de manipulação de conteúdo’, isto é, conteúdo enganoso de um candidato, como por exemplo a imagem de uma enorme manifestação massivamente propagado pelo Facebook, com a legenda: “Nada para ver aqui, apenas um comício de Bernie na Califórnia”. (Idem, p.28). Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/3466/1/ALYNNE-SERRA.pdf>. Acesso em: 22 de maio de 2021.

<sup>6</sup>Segundo o *Wall Street Journal*, o presidente Trump estava “bravo” pela cobertura que a rede jornalística, CNN, divulgou sobre o suposto dossiê russo, com informações comprometedoras a seu respeito. (FONSECA, 2017). Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2017/01/11/interna\\_mundo\\_564397/trump-acusa-reporter-de-mentir-e-se-recusa-a-responder-pergunta-em-col.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2017/01/11/interna_mundo_564397/trump-acusa-reporter-de-mentir-e-se-recusa-a-responder-pergunta-em-col.shtml). Acesso em: 20 de novembro de 2020.

<sup>7</sup> In: ‘Fake news’ é eleita palavra do ano por dicionário Collins. (REDAÇÃO, 2017). Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/fake-news-e-eleita-palavra-do-ano-por-dicionario-collins>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

<sup>8</sup> O termo *Echo-chamber* significa literalmente “câmara de eco”, porém ganhou um novo sentido metafórico – descreve o efeito em que opiniões ou crenças reverberam por

---

repetições e pela força, sendo percebidas como “mais aceitas do que realmente são”. Já “Antifa”, é usado na denominação de um movimento político autônomo antifascista, trazendo uma postura ativa através de protestos de rua, contra grupos que discriminam as minorias. (REDAÇÃO, 2017). Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/fake-news-e-eleita-palavra-do-ano-e-vai-ganhar-mencao-em-dicionario-britanico.ghtml>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

9 Senado aprova Projeto de combate a notícias falsas; texto vai à câmara. (REDAÇÃO, 2020). Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/06/30/aprovado-projeto-de-combate-a-noticias-falsas>. Acesso em 10 de março de 2021.

<sup>10</sup> PAGANOTTI (2018). O fenômeno das notícias falsas. Entrevista. Disponível em <https://revista.pucminas.br/revista/materia/fenomeno-noticias-falsas>. Acesso em: 19 de outubro de 2020.

<sup>11</sup> Beslay e Hakala *apud* Ferrari (2018, p.18), “bolha” é descrita como “uma membrana semitransparente que pode ser sintonizada para funcionar de modo diferente dependendo do movimento e direção dos dados”. Em Santaella (Idem, p19), o conceito de bolhas gradativamente se modificou com o advento das redes sociais para a detecção da “*forma mentis* do usuário” – vasculham o histórico de buscas do usuário, comprometendo assim a sua privacidade.

<sup>12</sup> O projeto foi inaugurado em 30 de julho de 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6909849>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

<sup>13</sup> Comprova inicia quarta fase com 33 veículos de comunicação. (REDAÇÃO, 2021). Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/holofote/2021/06/4928326-comprova-inicia-quarta-fase-com-33-veiculos-de-comunicacao.html>. Acesso em: 02 de junho de 2021.

<sup>14</sup> Ver COURTINE (1999).

<sup>15</sup> O uncountable noun tem apenas uma forma e sua marca é singular: watter (água), rice (arroz). Está em jogo aqui uma categoria que não pode ser ampliada e flexionada, porque há algo em sua própria substância constitutiva que impede isso. De fato, há coisas, seres e substância que podem ser contadas em número e outras que não podem ser contadas. No português do Brasil, o funcionamento do contável e do incontável é de outra ordem. Ela pode acontecer através da flexão de número (singular e plural) e grau (aumentativo e diminutivo). (BARBAI, 2015, p.99).

<sup>16</sup> Tradução livre de If you [describe](#) information as [fake](#) news, you mean that it is false [even](#) though it is being [reported](#) as news, for [example](#) by the [media](#).

<sup>17</sup> Tradução livre de “false stories that [appear](#) to be [news](#), [spread](#) on the [internet](#) or using other [media](#), usually [created](#) to [influence](#) [political](#) [views](#) or as a [joke](#)”: There is [concern](#) about the [power](#) of [fake](#) news to [affect](#) [election](#) [results](#).